



NIA

NÚCLEO
DE INVESTIGAÇÃO
ARQUEOLÓGICA

ERA
ARQUEOLOGIA

14

***A*PONTAMENTOS**

de Arqueologia e Património

ABR 2020

ISSN: 2183-0924

***A*PONTAMENTOS**

de Arqueologia e Património

14

ABRIL

2020

Título: *Apontamentos de Arqueologia e Património*
Propriedade: *Era-Arqueologia S.A.*
Editor: *ERA Arqueologia / Núcleo de Investigação*
Arqueológica – NIA
Local de Edição: *Lisboa*
Data de Edição: *Abril de 2020*
Volume: *14*
Capa: *Sepultura romana 16 de Bantum*
(Foto: José Carvalho)

Direcção: *António Carlos Valera*

ISSN: 2183-0924

Contactos e envio de originais:
antoniovalera@era-arqueologia.pt

Revista digital.
Ficheiro preparado para impressão frente e verso.

O uso do acordo ortográfico está ao critério de cada autor.

ÍNDICE

EDITORIAL	07
Nelson J. Almeida, Ana Catarina Basílio e António Carlos Valera THE FAUNAL RECORD FROM SANTA VITÓRIA (CAMPO MAIOR): AN INITIAL APPRISAL BASED ON THE REMAINS FROM 2018 AND 2019 EXCAVATIONS.	09
António Carlos Valera e Tiago do Pereiro O RECINTO DE FOSSOS PRÉ-HISTÓRICO DE BORRALHOS (SERPA): APROXIMAÇÃO À SUA ARQUITECTURA ATRAVÉS DA PROSPECÇÃO GEOFÍSICA.	17
Helena Reis, António Carlos Valera, Marta Macedo e Nelson Cabaço A QUINTA VELHA: UMA OCUPAÇÃO CALCOLÍTICA NA SERRA DE SINTRA.	29
António Carlos Valera, Carlo Bottaini e Ana Catarina Basílio A DEPOSIÇÃO DE UMA ALABARDA EM CONTEXTO CAMPANIFORME NA ÁREA CENTRAL DO RECINTO DOS PERDIGÕES (REGUENGOS DE MONSARAZ).	41
José Filipe dos Reis Carvalho AS NECRÓPOLES DE BANTUM E HERDADE DO LAMARIM I (BALEIZÃO, BEJA). RESULTADOS DE DUAS INTERVENÇÕES ARQUEOLÓGICAS EM DOIS ESPAÇOS FUNERÁRIOS DO PERÍODO ROMANO E ANTIGUIDADE TARDIA.	49
José Filipe dos Reis Carvalho e Rui Ramos A ÂNFORA ROMANA DRESSSEL 1 (REI RAMIRO, CASTELO DE GAIA): CARACTERÍSTICAS E CONTEXTUALIZAÇÕES.	55
Rui Ramos e José Filipe dos Reis Carvalho O SÍTIO DO REI RAMIRO: CONTRIBUTO PARA O CONHECIMENTO DAS OCUPAÇÕES ANTIGAS NO MONTE DO CASTELO (VILA NOVA DE GAIA)	67
Francisco Raimundo e Tiago Gil PALÁCIO DOS FERRAZES (RUA DAS FLORES / RUA DA VITÓRIA, PORTO). SÍNTESE DOS RESULTADOS DA INTERVENÇÃO ARQUEOLÓGICA.	83
Vanessa Rodrigues ANÁLISE ESTRATIGRÁFICA PARIETAL NA CONSERVAÇÃO E RESTAURO.	101



EDITORIAL

A *Apontamentos de Arqueologia e Património* completa em 2020 treze anos de existência. Se a isto somarmos os oito anos anteriores (e oito volumes publicados) da revista *ERA Arqueologia* e o arranque das séries monográficas (a *ERA Monográfica*, com três volumes editados, e a *Perdigões Monográfica*, com um número publicado e outro no prelo), fica claro o empenhamento e o compromisso que a *ERA Arqueologia* sempre manteve com divulgação do resultado do seu trabalho. Um compromisso feito também de resiliência, porque os tempos nem sempre foram fáceis.

A publicação do décimo quarto número ocorre, novamente, num contexto de dificuldades e de algumas (muitas) incertezas. Contudo, há já algum tempo que ele estava previsto para agora e a sua publicação não assume qualquer particular simbolismo ou declaração relativamente a este tempo que vivemos em Abril de 2020. Revela apenas o continuar resiliente de uma trajectória de direcção única (o que, como Almada Negreiros bem sublinhou, é o oposto de única direcção).

António Carlos Valera

AS NECRÓPOLES DO BANTUM E HERDADE DO LAMARIM I (BALEIZÃO, BEJA). RESULTADOS DE DUAS INTERVENÇÕES ARQUEOLÓGICAS EM DOIS ESPAÇOS FUNERÁRIOS DO PERÍODO ROMANO E ANTIGUIDADE TARDIA

José Filipe dos Reis Carvalho¹

Resumo:

Os trabalhos arqueológicos, sondagens de diagnóstico, foram promovidos pela E.D.I.A. e concretizadas no âmbito das medidas de minimização, fase de obra, por uma equipa da Omniknos, Lda. no Circuito Hidráulico de São Pedro-Baleizão. No caso da necrópole do Batum, identificaram-se e caracterizaram-se 71 sepulturas que integravam um espaço funerário utilizado no decurso do período romano. A sua dimensão e número de finados presentes no espaço funerário encontra poucos paralelos (ao nível do mundo rural romano no atual Baixo Alentejo). Na necrópole da Herdade do Lamarim I, salienta-se a caracterização de 25 sepulturas com características e especificidades que se enquadram cronologicamente na antiguidade tardia.

Abstract:

The necropolis of Bantum and Lamarim I (Baleizão, Beja). Results of two archaeological interventions in two funerary areas of Roman period and Late Antiquity.

The archaeological works were promoted by E.D.I.A. and were implemented by a team of Omniknos, Lda., in the Hydraulic Circuit of São Pedro-Baleizão (Beja). In the case of the necropolis of Batum, the 71 graves identified integrate a funeral space used during the roman period. Its size and number of burials finds few parallels of the roman rural world in the territory under study. In the necropolis of the Herdade do Lamarim I, were identified 25 graves with characteristics and specificities of late antiquity.

1. Introdução

O presente trabalho sobre as necrópoles do Batum e da Herdade do Lamarim I, ambas localizadas na Freguesia de Baleizão, concelho de Beja, são o natural corolário dos trabalhos de campo desenvolvidos pela empresa Omniknos, Lda., no âmbito dos trabalhos de minimização de impactes, fase de obra, no Circuito Hidráulico de São Pedro-Baleizão e respetivo Bloco de Rega, promovidos pela E.D.I.A.

Devido aos inúmeros vestígios arqueológicos presentes em ambas as necrópoles, as intervenções arqueológicas decorreram em várias fases (entre agosto e dezembro de 2013 – H. Lamarim I; entre setembro de 2013 a Março de 2014 - Batum) consoante a necessidade imposta pela empreitada.

Desta forma, pretende-se apresentar os resultados das sondagens arqueológicas nos sítios mencionados procurando-se igualmente demonstrar evidências sobre dinâmicas e continuidades funerárias entre os períodos mencionados e com isso contribuir para um melhor conhecimento da arqueologia da morte romana e tardo-antiga no atual território do Baixo Alentejo.

Para esse efeito, após o devido contexto geográfico, proceder-se-á uma descrição individualizada no que se refere aos ritos predominantes, ao mobiliário fúnebre, bem como às características das sepulturas dos espaços funerários referenciados.

¹ Arqueólogo. Omniknos – Arqueologia, Lda.

1. Enquadramento geográfico

Os sítios do Batum e da Herdade do Lamarim I localizam-se administrativamente na freguesia de Baleizão, concelho de Beja, distrito de Beja. Na cartografia militar portuguesa, à escala 1:25000, as áreas intervencionadas encontram-se na carta n.º 522, com as seguintes coordenadas militares, sistema HGM (vide fig. 1): Herdade do Lamarim I: X = 234860.55 Y = 121627.27; Batum: X = 236442.90; Y = 116673.27.

O sítio denominado como Batum implanta-se e desenvolve-se na encosta (posicionada a SE da povoação de Baleizão) de uma pequena elevação geomorfológica (colina) localizada nas imediações da localidade já mencionada, numa zona próxima de uma linha de água de regime marcadamente torrencial. As cotas médias rodam os 160 metros. Do ponto de vista paisagístico, a área de estudo é ainda constituída essencialmente por povoamentos de pinheiro manso (no setor oeste) e por culturas de sequeiro (setor este).

No que se refere à Herdade do Lamarim I, implanta-se a uma altitude de 176m e desenvolve-se em área relativamente aplanada com relevo de ondulações suaves, a Norte de Baleizão. Neste caso em específico, do ponto de vista paisagístico, a área de estudo é constituída essencialmente por culturas de sequeiro.

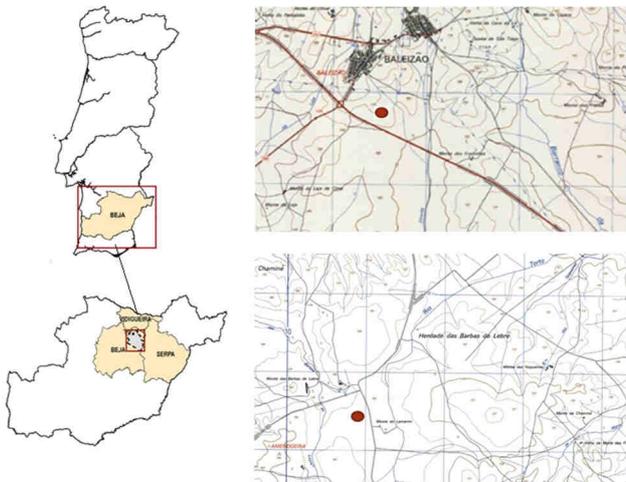


Figura 1 – Localização dos sítios arqueológicos: Batum (em cima) e Herdade do Lamarim I (em baixo), na carta militar 1.25000, folha número 522. Os sítios apresentam uma distância de 3 km.

2. A necrópole de Bantum

Os trabalhos de minimização operados pela equipa de minimizações da OMNIKNOS, Lda (388,65 metros quadrados distribuídos por 70 sondagens manuais), permitiram identificar e caracterizar fundamentalmente 75 sepulturas de inumação, das quais 64 acolhiam esqueletos e 11 se encontravam vazias, compondo na totalidade uma amostra de 77 esqueletos *in situ*. De salientar, que nesta necrópole foram detetados dois

contextos funerários distintos que se intercetavam na extremidade oeste, um correspondente a uma necrópole romana, na qual se inserem a grande maioria dos enterramentos (73) e outro, de dimensão reduzida (4 enterramentos), que vai de encontro aos princípios adjacentes a uma necrópole islâmica.

Na amostra romana, por seu lado, 75% dos indivíduos foram inumados com a cabeça para este e os pés para oeste, tendo sido a menor parte (15 indivíduos) orientada segundo o eixo oeste – este.

Na necrópole romana, segundo Lourenço (2014: 148) a maioria dos indivíduos foi depositado em decúbito dorsal (91,7%), somente 4,2% se encontravam em decúbito lateral ou numa posição intermédia entre o decúbito dorsal e o lateral. A posição do crânio, segundo os dados antropológicos (Lourenço 2014: 148), variava entre a norma anterior, a norma lateral direita e esquerda, relativamente aos membros superiores, verificou-se alguma diversidade, sendo as posições mais comuns, fletidos ou semifletidos, com as mãos sobre o tórax, abdómen ou cintura pélvica.

A arquitetura funerária da necrópole romana (71 sepulturas) demonstra distintas tipologias, no entanto, predomina, a inumação em fossa simples com cobertura de tégulas (dispostas grosso modo na horizontal ou, em alguns casos, utilizando o formato de duas águas), com ou sem caixão de madeira, o facto comum a todas as sepulturas é a sua escavação direta no substrato geológico e a existência, em muitas situações, de um degrau onde assentavam as tégulas ou os lateres de cobertura. Verificou-se ainda (Lourenço 2014) a prática de reutilização das sepulturas em 29,2% dos indivíduos, e duas inumações duplas, cujos indivíduos foram sepultados no mesmo momento.



Figura 2 – Sepulturas em fossa simples com cobertura de tégulas na horizontal (em cima) e de duas águas (em baixo).

O espólio arqueológico recuperado logra de uma especial relevância, quer pela quantidade e bom estado de conservação. Com isto se quer dizer que 75,0% dos indivíduos estavam acompanhados de espólio que se associam aos rituais roma-

nos realizados junto à sepultura. Os depósitos votivos estavam normalmente localizados em registo estratigráfico similar aos enterramentos, ou seja, em locais próximos da zona dos pés, salvo raras exceções de peças colocados junto ao crânio ou sobre o tórax.



Figura 3 – Pormenor da localização dos depósitos votivos nas sepulturas das sondagens n.º16 e n.º20.

A esmagadora maioria dos objetos recolhidos nas sepulturas romanas escavadas constituem objetos funerários pré-depositivos (moedas, garrafas, entre outros), bem como objetos depositivos (lucernas, loiça, restos de objetos de uso pessoal, prendas, etc.). Não foram detetados objetos pós-depositivos na área intervencionada (ex. aras e estelas).

No que se refere à cerâmica comum (presente na esmagadora maioria das sepulturas com espólio votivo), utilizada nos característicos rituais funerários romanos realizados à volta do defunto e da sepultura com o objetivo de os familiares controlarem o medo que tinham dos espíritos dos mortos – os Manes -, constatou-se, tendo como base os estudos de Inês Vaz Pinto (2003) e de Jeannette Nolen (1995-1997: 374-383; 1985: 122-125), a presença de várias tipologias em cerâmica comum (púcaros, pratos, pratéis, taças, tijelas e jarros) com várias prevalências temporais.

No que se refere aos objetos numismáticos, os dezasseis numismas identificados no decorrer da intervenção, ainda que bastante deteriorados, enquadram-se em tipos do século I ao século IV d.C. Relativamente ao elemento numismático aparentemente mais tardio, destaca-se um tipo AE3, cuja entidade emissora foi Constantino I, sendo a sua cronologia situável entre 330-336 d.C.

Paralelamente aos numismas salienta-se a presença de outros metais de tipologias diferenciadas, em bronze ou em ferro (a única exceção foi um brinco em prata), localizados em várias sepulturas. Tratam-se, portanto, de objetos de uso pessoal dos defuntos (anéis, braceletes, pulseiras, brincos, alfinetes), bem como utensílios utilizados pelos indivíduos inumados nas respetivas profissões (cossoiros, lança, escopros/formões, entre outros). A presença de pregos (com uma distribuição ordenada) foi também evidenciada em várias sepulturas indiciando a presença de possíveis estruturas perecíveis, como por exemplo caixões ou simples leitos utilizados para o transporte dos cadáveres. A presença de caixões está

evidenciada em outras necrópoles de cronologia romana, como por exemplo, na Lage do Ouro (Crato), Achada de São Sebastião (Mértola), entre outros.

Passando-se à análise das lucernas (associadas normalmente à iluminação dos cortejos fúnebres), convém mencionar que a categoria em análise provem unicamente das sepulturas intervencionadas. Dos 18 exemplares recolhidos a esmagadora maioria são tecnologicamente lucernas de disco com bicos redondos e com a presença de uma asa (muito comuns no séc. II e III), denotando-se, porém, a ausência de lucernas cuja produção é precedente à forma tecnológica mencionada, designadamente as lucernas com volutas (presentes fundamentalmente no séc. I d.C.).

Neste seguimento, para a confirmação dos dados mencionados, salienta-se a presença de dois exemplares de lucernas de disco com bico redondo, decoradas nas orlas com pérolas em fiadas, Dressel 30 (Sepulturas 42 e 44), bem como mais duas lucernas de disco de tipologia Dressel/Lamb. 28, datáveis segundo Morin (2002: 36) entre os inícios e finais dos séculos II e III d.C., recolhidas nas sepulturas 58 e 49 cujas orlas, neste caso preciso, apresentam uma decoração com cachos de uvas e rosetas. Os motivos iconográficos que decoram as lucernas são variáveis e resumem-se a personagens mitológicas (Júpiter, Hélios, Vitória, entre outros), temas vegetais (existência de floreados), temas geométricos (rosáceas), animais (cão, galo), vida quotidiana (um tema erótico) e sem decorações.

Contudo, paralelamente às lucernas de disco verificou-se a presença de outros tipos tecnológicos, como dois exemplares (sep. 50 e 68) de lucernas com canais abertos de tipologia Menzel 390, variante Loeschcke com asa, cuja produção, segundo Martin (2002: 38) se insere entre os finais do séc. I d.C. e a primeira metade do séc. II d.C.. Para além das tipologias mencionadas, salienta-se igualmente a presença de formas/tipologias regionais como são os casos de duas lucernas derivada de disco/atípica de aspeto relativamente ovulado e datável, segundo Morillo Cerdan (1999: 125), de finais do séc. III inícios do IV d.C..



Figura 4 – Lucerna de canal aberto (lado esquerdo) e lucerna de disco com orla decorada (lado direito).

A *terra sigillata* (africana), embora muito residual, foi detetada apenas e aparentemente no espólio votivo da sepultura n.º 5 sob a forma de um prato com um pequeno sulco/anular na sua base.

Em relação ao material em vidro, convém mencionar que se encontravam em várias sepulturas (14), todavia, os índices de

fracturação muito elevados dificultaram as respetivas inserções em categorias tecno morfológicas (referimo-nos à análise superficial realizada).

Os ecofatos registados resumem-se a fragmentos de fauna registada na sepultura 63, bem como as denominadas vieiras (elemento presente em vários contextos da Época Romana) que foram recuperadas em quatro sepulturas. De salientar um pequeno elemento faunístico perfurado detetado na sondagem 58.

3. A necrópole da Herdade do Lamarim I

O sítio encontra-se referenciado na base de dados Endovélico com o CNS: 34366. Face à necessidade de delimitar e caracterizar as realidades patrimoniais identificadas no âmbito do acompanhamento arqueológico, procedeu-se à realização de um diagnóstico arqueológico que resultou numa metragem final de 59, 54 metros quadrados distribuídos por 18 sondagens manuais.

Do ponto de vista construtivo, foi notório que as sepulturas caracterizadas (todas de inumação) tinham uma arquitetura mais complexa comparativamente com as sepulturas da necrópole romana do Batum. Das 25 sepulturas escavadas, uma parte significativa encontrava-se com revestimentos laterais e todas elas, apesar da violação e do remeximento associado aos trabalhos agrícolas, tinham coberturas, no entanto, a sobreposição de algumas sepulturas, pressupõe que alguns dos enterramentos não são contemporâneos entre si.

As sepulturas têm uma única orientação específica, oeste-este, com a exceção da sepultura n.º15, pois o enterramento encontra-se orientado de este para oeste. As formas das sepulturas são maioritariamente subretangulares irregulares, embora algumas apresentem algumas formas específicas que se ajustam à estatura dos defuntos. Das 25 sepulturas interencionadas, segundo Ferro (2016), 20 apresentavam vestígios osteológicos (17 deposições primárias e 4 deposições secundárias).

A arquitetura das sepulturas detetadas na Herdade do Lamarim I é constituída pelas seguintes tipologias: (1) Sepulturas com revestimento em forma de caixa. Neste caso preciso utilizou-se muros de revestimento em alvenaria de later (ligados com sedimento argiloso ou a *opus*), ou uma técnica mista que utiliza tégulas em cutelo associados aos muros de revestimento e com coberturas em *laterculi* dispostas na horizontal ou em duas águas; (2) sepulturas em fossa com cobertura em tégula (ou outros materiais, por exemplo, mármore) em forma de telhado de duas águas que assentavam em muro de alvenaria ou no substrato geológico; (3) sepulturas em fossa com cobertura em tégula dispostas transversalmente ou longitudinalmente.

De salientar a reutilização do material romano como os tijolos de quadrante, tégulas, lateres e mesmo mármore. Para esse efeito destaca-se a sepultura n.º17, pela arquitetura (em falsa cúpula), bem como pelo reaproveitamento dos materiais mencionados. Outro aspeto importante trata-se do tipo de assentamento dos enterramentos cujos dados demonstram a preferência para fundos lisos sobre rocha/saibro.



Figura 5 – Sepultura n.º 3. Pormenor dos muros de revestimento e da cobertura em *laterculi*.

Existem dois tipos de inumações na Herdade do Lamarim I: as simples e as coletivas, no entanto, algumas das sepulturas apresentam indícios de remeximento e os ossos encontram-se em mau estado de conservação.

Na maior parte das sepulturas encontravam-se inumadas as ossadas de um único indivíduo), em quatro faltam parte dos ossos, provavelmente devido a remeximento. Para os restantes, que permaneciam intactos, trata-se, com alguma segurança, de enterramentos primários (17 inumações).

Existem várias formas de enterramentos coletivos, todavia, a forma mais evidenciada na Herdade do Lamarim I foi a da inumação sucessiva de corpos numa sepultura, procedendo-se à redução prévia dos ossos anteriores (colocar os ossos num canto da sepultura). Na Herdade do Lamarim I as sepulturas n.º19, n.º20 demonstram o procedimento referenciado, visto que os ossos anteriores encontram-se agrupados junto aos pés dos indivíduos inumados.

A posição dos corpos é sempre em decúbito dorsal, com as pernas estendidas. Alguns enterramentos revelam a presença de caixões, enquanto outros (quase todos) revelam a presença de sedimento por cima dos enterramentos. A sepultura n.º17 revelou uma ação de combustão (funcionalidade indeterminada) associada ao enterramento.

No que se refere ao espólio, das 25 sepulturas detetadas, apenas 8 apresentavam algum espólio. As únicas sepulturas que apresentavam espólios votivos inteiros foram as sepulturas n.º 17 (entregue pela equipa de acompanhamento), sepultura n.º 9 e sepultura n.º 1.

De uma forma geral, trata-se de exemplares em cerâmica comum. A sepultura n.º 1 revelou a presença de uma lucerna derivada de disco, de cronologia tardia (séc. III-IV d.C.), segundo Martin (2002: 41).

A sepultura n.º 9, dois jarros igualmente em cerâmica comum. A análise à pasta do jarro representado na fig.7 demonstra uma produção realizada no território da atual Andaluzia cuja forma (alta e delgada) aponta uma cronologia situável entre os séculos VI e VII d.C. (Florincher 1988: 9). Por sua vez, o outro jarro detetado na sepultura n.º 9 (produção manual) apresenta tecnologicamente uma boca trilobada, colo curto ou estrangulado, ostenta ainda uma asa grosseira que, saindo do bordo, se une ao corpo da peça. Cronologicamente, segundo paralelismos observados, este tipo de jarro é abundante na maioria dos sítios tardios (Florincher 1988: 15; Coutinho 2007: 294, *apud* Pereira 2012-2013: 253).



Figura 6 – Lucerna derivada de disco detetada na sondagem n.º 1; jarro detetado na sepultura da sondagem n.º 9.

A sepultura n.º 17 revelou a presença de um jarro com asa lateral colocada ao lado do bico vertedor. A cronologia de Florincher para esta tipologia começa no séc. V e estende-se até meados do séc. VI d.C. Segundo Cunha (2008) no atual território nacional foram produzidas peças com asa lateral entre os finais do séc. II d.C. até inícios do séc. V d. C.

O espólio metálico é também pouco frequente, no entanto, salienta-se a presença de três pulseiras em ferro nas sepulturas n.º5, n.º9, n.º14, bem como um anel e pregos de caixões.

O vidro está representado numa sepultura (sep.17), mas a sua elevada fragmentação impede-nos de delinear uma tipologia cronológica para o mesmo.

Ainda a nível dos metais, não foram detetados artefactos associados às indumentárias dos indivíduos, facto que, por

exemplo, encontra-se bem presente em necrópoles de tradição germânica (inumar os defuntos vestidos era um hábito germânico introduzido pelos povos mencionados no decurso do séc. V d.C.).

4. Considerações finais

No âmbito da intervenção arqueológica realizada na necrópole do Batum, tendo como base as características das sepulturas e a análise do abundante espólio arqueológico, foi possível constatar que estamos perante um espaço funerário com uma utilização em período claramente romano, entre os séculos I e IV d.C. O espaço da morte em análise localiza-se a cerca de 100m de uma mancha de ocupação (de dimensões consideráveis) com vários materiais romanos (mancha caracterizada com a provável *villa* do Batum, CNS:7107).

Este tipo de contextos são, em termos gerais, exemplo das realidades que têm vindo a ser sucessivamente identificadas no Alentejo (necrópole do Corte do Monte Piorno, necrópole do Torrejão, necrópole do Monte do Moinho, entre outras) no âmbito da minimização de impactes realizadas no âmbito do empreendimento do Alqueva, salientando-se, no entanto, a necrópole de inumação do Batum pelas suas dimensões e número de finados presentes no espaço funerário que encontra apenas paralelos (ao nível do mundo rural romano no atual Baixo Alentejo) na necrópole do Monte do Arcediago (São Brissos) onde foram caracterizadas 90 sepulturas de inumação (por uma equipa da ERA/Omniknos em 2011) no âmbito das minimizações de impactes relativo à construção da sub-concessão da auto estrada do Alentejo.

No que se refere à Herdade do Lamarim I, a intervenção arqueológica pôs em evidência uma série de estruturas do tipo sepultura (inumação) enquadradas cronologicamente entre o séc. IV d.C e o séc. VII d.C, ou seja, num momento entre o final do império romano e o período visigótico, período designado como Antiguidade Tardia. É de salientar que as sepulturas visigóticas se encontram num registo estratigráfico superior relativamente às sepulturas tardo-romanas.

O espólio detetado era, tal como é habitual nestes contextos, muito escasso a nível da sua presença nas sepulturas escavadas. Assim, das 25 sepulturas detetadas, apenas 8 apresentavam algum espólio.

A arquitetura funerária evidenciada na Herdade do Lamarim I, mais complexa do que a do Batum, verifica-se em outros sítios tardios designadamente a nível das sepulturas em caixa, a saber: necrópole 1 do Padrãozinho (Viana, Deus 1955), na necrópole da Torre das Arcas (Frade, Caetano 1993), na necrópole visigótica situada na zona da base aérea de Beja (Barros 1968-1970).

Segundo Macias e Lopes (2012: 309), apesar de não constituir um modelo único, algumas cronologias das *villae* em torno de Beja, obedecem a um padrão comum, ou seja, são ocupadas (ou uma parte considerável) até ao séc. V e algumas viram mesmo a sua ocupação prolongada até ao período islâmico (Pisões, Apolinários, Romeirã, Carrascozinha, Monte da

Cegonha, Paço do Conde, Marianas 2, entre outros). O modelo mencionado, segundo os autores não é exclusivo à área de Beja, salienta-se por exemplo, mais a sul, idênticos fenómenos de continuidade como em Montinho das Laranjeiras (Alcoutim-Faro), Milreu (Faro), Cerro da Vila (Loulé-Faro) entre outras (Macias e Lopes, 2012, p.309).

Neste quadro face aos resultados obtidos, o modelo da inexistência de interrupção na sequência ocupacional pode estar associado ao sítio da Herdade do Lamarim I (apresenta uma ocupação do espaço funerário em período Tardo-Romano e no período Visigótico), a escassos 150 m a este do mesmo, localiza-se um assentamento caracterizado como *villa* (a Herdade do Lamarim I) cuja proximidade aponta para uma relação com a necrópole intervencionada. Outro aspeto a ter em consideração trata-se do facto de as sepulturas apresentarem uma orientação canónica (oeste-este), bem como no caso da sepultura n.º 9 de jarros colocados junto ao crânio do finado que indiciam uma provável, embora discutível, presença do culto cristão.

Referências Bibliográficas

- BARROS, F.J.R. de (1970) – Notícia sobre uma necrópole visigótica, *Arquivo de Beja*. 2527:105-113.
- COUTINHO, H. (2007) – Cerâmica dos séculos VI e VII do Montinho das Laranjeiras (Alcoutim) depositada no Museu Nacional de Arqueologia (Lisboa), *Xelb*. 7: 283-302.
- CUNHA, M. (2008) – As necrópoles de Silveirona (Santo Estêvão, Estremoz) – Do Mundo Romano à Antiguidade Tardia, *O Arqueólogo Português*. Suplemento 4. Museu Nacional de Arqueologia. Lisboa: 9-246.
- FRADE, H.; CAETANO, J. C. (1993) – Ritos funerários no nordeste alentejano, II Congresso Peninsular de História Antiga (Coimbra, 1990). Coimbra. Faculdade de Letras: 847-887.
- FLÖRCHINGER, A. (1998) – *Romanische Gräber in Südspanien. Beigaben- und Bestattungssitte in westgotenzeitlichen Kirchennekropolen*, Rahden/Westf.
- FERRO, S. (2016) – *Relatório de antropologia da necrópole da Herdade do Lamarim I (Baleizão)*. Minimização de Impactes sobre o Património Cultural no C.H. São Pedro-Baleizão e respetivo Bloco de Rega. Omnisknos, Lda.. Porto. Policopiado.
- GONZÁLEZ VILLAESCUSA, R. (2001) – El mundo funerário romano en el país valenciano. Monumentos funerários y sepulturas entre os siglos I a.C-VIII d. C.. Madrid. Casa de Velázquez. Alicante. Instituto Alicantino de Cultura.
- LOPES, M.C. (2000) – A cidade romana de Beja: percursos e debates acerca da "civitas" de Pax Ivlia. Coimbra. [s.n.]. Tese de doutoramento. <http://hdl.handle.net/10316/582>.
- MACIAS, S.; LOPES, M.C. (2012) – O território de Beja entre a Antiguidade Tardia e a islamização, In: L. ZOREDA; P. CRUZ T. RUIZ (eds.) *Visigodos e Omeyas el Territorio*. Consejo Superior de Investigaciones Científicas. Mérida. Junta da extremadura – Consórcio de Mérida.
- LOURENÇO, M. (2014) – *Relatório de antropologia da necrópole do Batum (Baleizão)*. Minimização de Impactes sobre o Património Cultural no C.H. São Pedro-Baleizão e respetivo Bloco de Rega, Omnisknos, Lda. Porto. Policopiado.
- NOLEN, J.U.S. (1985) – *Cerâmica comum de necrópoles do Alto Alentejo*. Lisboa. Fundação da Casa de Bragança.

NOLEN, J.U.S. (1995-1997) – Acerca da cronologia da cerâmica comum das necrópoles do Alto Alentejo: novos elementos, *O Arqueólogo Português*. Lisboa. IV série. 13/15: 347-392.

MARTIN, F. (2002) – *Lucernas Romanas do Museu Nacional de Arte Romana (Mérida)*. Monografias Emeritenses. 7. Madrid. Secretaria General Técnica.

MORRILLO, C.A. (1999) – *Lucernas Romanas em la region septentrional de la Peninsula Ibérica*. Monographies instrumentum. Montagnac. 8/1. vol.1: 119-150.

PINTO, I.V. (2003) – *A cerâmica comum das villae romanas de São Cucufate (Beja)*. Lisboa. Universidade Lusíada Editora - Coleção Teses.

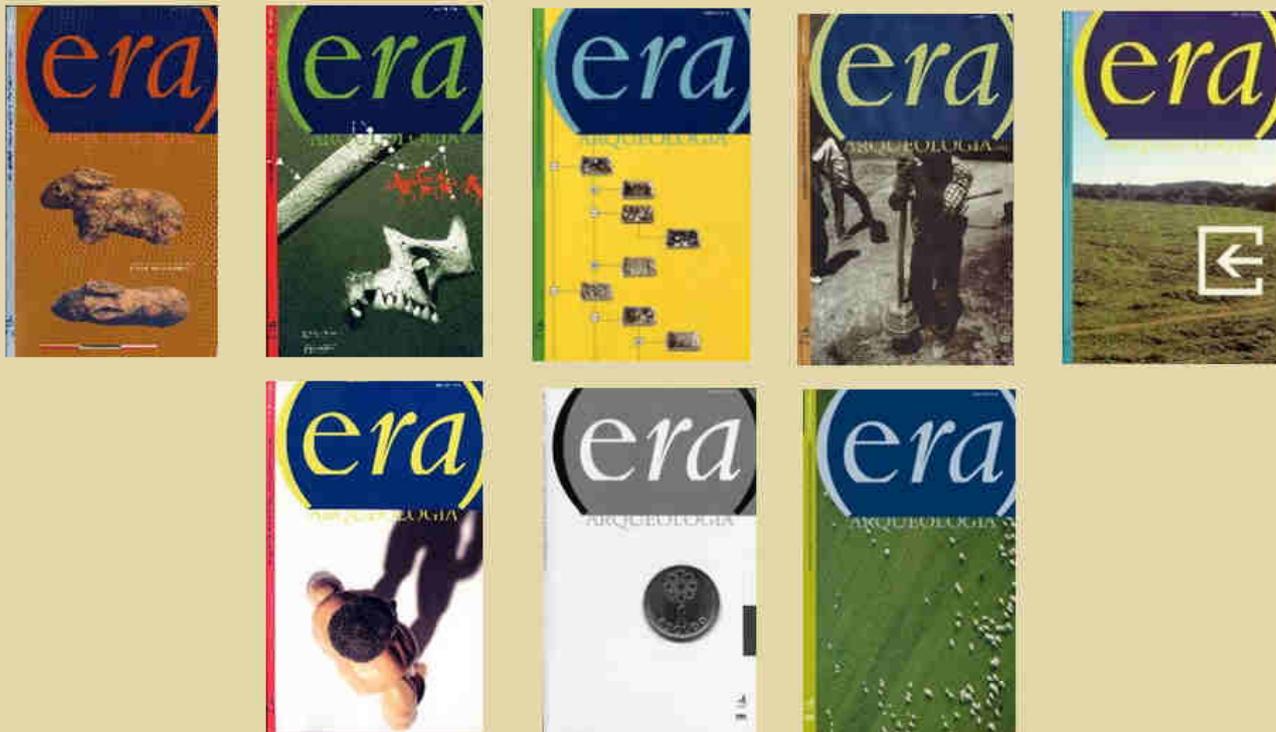
PEREIRA, C. (2002) – *A necrópole da Marateca (Lagos)*. Anexo para a sua investigação. Revista Anales de arqueologia Cordobesa. Nº23-24. Grupo de investigación Sisifo - Área de Arqueología, Facultad de Filosofía y Letras-Universidad de Córdoba.

VIANA, A.; DEUS, A.D. de (1955) – Necropolis de la Torre das Arcas, *Archivo Español de Arqueologia*. 28: 244- 265.

OUTRAS PUBLICAÇÕES DA ERA ARQUEOLOGIA

Série ERA Arqueologia

Oito volumes publicados entre 2000 e 2008



Série ERA Monográfica
Três volumes publicados



Série Perdigões Monográfica
Um volume publicado